

# O Anarquismo e a Questão da Prática

Ba Jin

1927

O anarquismo é produto do movimento de massas e não pode jamais dissociar-se da prática. Na realidade, o anarquismo não é um sonho inútil que transcende ao tempo. Não poderia ter nascido antes da Revolução Industrial e nem ter se desenvolvido antes da Revolução Francesa. Muitos chineses sustentam que Lao Tsé e Chuang Tzu foram os primeiros anarquistas da China. Isso é muito enganoso. O taoísmo não tem nada em comum com o anarquismo moderno. O tempo de Lao Tsé e Chuang Tzu não teria como ter produzido as idéias do anarquismo moderno.

Penso que muitas pessoas têm uma má compreensão da doutrina anarquista. É certo que os anarquistas se opõem à guerra, mas à guerra à qual se opõem os anarquistas é aquela que deriva da luta pelo poder entre caudilhos e políticos. Nós apoiamos a luta dos oprimidos contra os opressores e a luta do proletariado contra a burguesia, porque se trata de uma luta de autodefesa e libertária, à qual Malatesta considerava “necessária e sagrada”. Também apoiamos a guerra das colônias contra seus Estados metropolitanos e a guerra das nações fracas contra as potências imperialistas, ainda que o fim dessas guerras seja um tanto distinto de nosso ideal. Alguns se opõem à luta de classes, a qual, argumentam, é contrária à felicidade do conjunto da humanidade. Há um artigo em A Voz do Povo (nº 33), que reivindica esse ponto de vista. Os anarquistas de nenhuma maneira se opõem à luta de classes; na realidade, a estimulam. O anarquismo é o ideal e a ideologia da classe explorada... na luta de classes. É simplesmente enganoso propor a busca da felicidade coletiva da humanidade quando a humanidade não é um conjunto harmônico e está dividida há tempos em duas classes antagônicas. “O anarquismo nunca foi o ideal da classe dominante” (Kropotkin). O verdadeiro criador do anarquismo é a classe trabalhadora revolucionária” (Alaiz).

Nenhum problema prático pode ser mais importante do que a revolução chinesa. É o problema de como dar início a essa revolução social que passa em nossas cabeças o tempo todo. Somos materialistas (destacados anarquistas como Kropotkin ou Bakunin foram todos materialistas). Entendemos que a chegada da revolução social não pode ser determinada por nossas boas intenções. Ela se desprende da evolução social e determina-se pelas necessidades históricas. Dentro dos limites permitidos pelas condições materiais, os esforços dos indivíduos podem facilitar a evolução social, mas estes não constituem os únicos fatores da evolução social. Não concordo totalmente com o camarada Huiling. Sou partidário do determinismo, que não é o mesmo que fatalismo. O determinismo não nega as provas da vontade humana e reconhece que os humanos não são uma substância passiva. Ainda que não seja controlado pelo ambiente, este limita seus empreendimentos. As afirmações de Huiling são irrelevantes para os deterministas.

Não há contradição entre revolução e evolução. Reclus disse: “A evolução e a revolução são um mesmo fenômeno em uma seqüência de ações: a evolução opera antes da revolução e se desenvolve na revolução”. O anarquismo não pode ser realizado em um período breve de tempo. Seu êxito requer o acúmulo que é fruto da revolução e da construção ininterrupta. Alaiz comentou: “A realização do anarquismo não vem de repente. Não há maneira de realizarmos a completude do ideal anárquico de uma só vez e devemos implementá-lo passo a passo.” É impossível para nós realizar completamente o anarquismo nas condições atuais da China. Nosso ideal da sociedade futura está correto. Não é uma ilusão, mas sua realização se vê limitada pelas condições materiais. Em outras palavras, a sociedade ideal não aparecerá de maneira sub-reptícia como um milagre, mas gradativamente. Todos nossos esforços podem acelerar sua chegada, mas, ainda assim, há limitações. Isso pode não ser algo ideal, da maneira que desejamos, mas é a realidade. Se houver uma revolução social na China queremos realizar plenamente a sociedade ideal do anarquismo. Mas, é possível praticar o princípio de cada um segundo suas possibilidades e a cada um segundo suas necessidades, quando a economia chinesa está subdesenvolvida e quando necessidades básicas, mesmo os alimentos, dependem das importações do estrangeiro? Nessas condições, devemos saber ser flexíveis. Isso não significa aceitar a derrota. Mas devemos nos preparar para quando chegar a revolução e temos de permitir que os trabalhadores desenvolvam a indústria por meios cooperativos. Mesmo depois do início da revolução será impossível que alcancemos o ideal social do anarquismo de uma só vez. Devemos caminhar para nosso ideal passo

a passo.

Essa é somente uma hipótese sobre a situação da China depois da revolução social, mas não podemos saber realmente si isso acontecerá num futuro próximo. Em primeiro lugar, as condições materiais da China não estão maduras. Em segundo lugar, a distância entre os anarquistas chineses e as massas é ainda demasiado grande. Alguns anarquistas somente se interessam pela propaganda de certos princípios para o povo, mas jamais se perguntam se sua propaganda é acessível a ele e o que realmente deseja o povo. Como podemos nos inserir no movimento operário sem conhecer suas preocupações imediatas? Dificilmente será possível pedir-lhes que levem a cabo uma revolução de estômago vazio. É certo que a revolução social na China não ocorrerá imediatamente, mas devemos começar a nos preparar e a facilitar seu início.

A China entrou na era da revolução. Muitos dos movimentos revolucionários na China não são movimentos do Partido Nacionalista [nota do editor (NE): Kuomintang o Guomindang], mas movimentos do povo. Dezenas de milhares de trabalhadores estão em greve e numerosos jovens lutam nos campos de batalha. Sob o terror branco, são muitos os que se dedicam à revolução. Não têm o menor medo dos cárceres ou da morte. Há aqueles que dizem que esses revolucionários são manipulados por um número reduzido de pessoas, que sonham com riqueza e poder, que são a bucha de canhão dos novos caudilhos, que são seguidores leais dos Três Princípios do Povo [NE: do Partido Nacionalista] e que querem instalar um governo burguês. Isso é absolutamente falso. É certo que há diferenças entre a expedição do norte do Exército Nacionalista e o movimento revolucionário da China, entre a guerra de independência de um país semicolonial e os objetivos anarquistas; mas nós, os anarquistas, não estamos em oposição, mas queremos ir mais longe. Antes que possamos abolir o capitalismo não nos opomos, de maneira alguma, a qualquer tipo de movimento anti-imperialista. Detesto a Rússia soviética, mas detesto mais ainda as potências imperialistas; detesto o Partido Nacionalista, mas detesto mais ainda os caudilhos. A razão é simples. A Rússia soviética não é tão nociva quanto as potências imperialistas e o Partido Nacionalista e os caudilhos não são a mesma coisa. Certamente, seria maravilhoso se pudéssemos oferecer algo melhor ao povo. Não é um problema um acadêmico burguês realizar, com ares desinteressados, uma oposição apoiada em um palavrório vazio; mas, para um revolucionário, isso é um crime. “Perfeição ou nada” é a idéia dos individualistas, não a idéia de revolucionários que lutam pelos interesses do povo, pois essa idéia não reflete as necessidades do povo. Se não há maneira de dar a felicidade “perfeita” ao povo, como negar a ele a oportunidade de desfrutar de um pouco mais de felicidade? Deve-se entender que esse movimento revolucionário não é monopólio de um partido político em particular. Sem a participação e o apoio do povo, como seria possível derrotar os caudilhos? Nós anarquistas não temos uma influência significativa no movimento. Esse foi nosso erro. Se nos dedicarmos simplesmente a ser expectadores desse movimento e a denegrir-lo, como se ele fosse uma mera luta pelo poder ou um enfrentamento entre caudilhos, e se desprevermos o Partido Nacionalista e Zhang Zoling [NE: caudilho manchú] como sendo todos a mesma coisa, os conservadores da direita poderão, contentes, nos agradecer!

Deveríamos saber que todos os participantes desse movimento não são membros leais do Partido Nacionalista. Por exemplo. Vocês acham que a opinião de um trabalhador em greve é a mesma que a de Chiang Kai-Shek? Os trabalhadores entendem completamente os Três Princípios do Povo? Alguma vez leram o “Plano Geral para a Construção da Nação-Estado” de Sun Yat-Sen? Vocês acham que a opinião de um estudante que luta no campo de batalha é a mesma que a de Chiang Kai-Shek, seu comandante em chefe? Se prestarmos atenção nas questões práticas, nos daremos conta que as soluções reais são muito mais complexas do que imaginamos. Um artigo publicado em A Voz do Povo há 11 anos pode ilustrar muito bem esse ponto: “Aprendemos que os trabalhadores e os pequenos comerciantes realmente têm asco do governo de Yuan Sjikai e estão prestes à levar a cabo a revolução para poder subsistir. Se lhes perguntam sobre os males do governo, freqüentemente dirão que os onerosos impostos os privam dos meios de subsistência e que os soldados lhes perseguem em seus lares. Suas preocupações parecem pouco relevantes em comparação aos grandes assuntos discutidos por certos líderes e políticos, tais como a traição à república, a dissolução do parlamento, a ditadura presidencial, a violação da

Constituição.” Quem poderia concordar com aqueles que dizem que esses “trabalhadores e pequenos comerciantes” compartilham da mesma visão que esses “líderes e políticos” que tentam conquistar o poder e a fortuna estabelecendo uma república? Além disso, se se diz aos trabalhadores em greve que eles são a mesma coisa que Chiang Kai-Shek e Zhang Zoloing, não creio que entendam o que se quer dizer com isso. Suas demandas se relacionam inteiramente às suas preocupações imediatas. A política não é assunto de seu interesse e Chiang Kai-Shek, assim como o Partido Nacionalista, não são assunto de seu conhecimento. Eles somente estão familiarizado com certas palavras de ordem como “abaixo os caudilhos”, “abaixo o imperialismo”, “apoiemos o sindicato operário”. Detestam o governo dos caudilhos e querem destitui-lo, pois o governo fecha os sindicatos, acaba com o movimento operário, ajuda os capitalistas e trata os trabalhadores como se fossem um espinho em seu corpo. Podemos certamente compreender sua reação, porque ela se relaciona diretamente às suas preocupações imediatas. Definitivamente, não somente devemos recordar os princípios, mas também devemos prestar atenção suficiente aos problemas práticos. Malatesta disse que, ao participar do movimento operário, às vezes os anarquistas devem fazer certas concessões em benefício dos interesses dos trabalhadores, em vez de sustentar que o anarquismo seja colocado em prática imediatamente; devem apoiar greves por aumentos salariais ou redução da jornada de trabalho. Não se pode criticar que trabalhem dessa maneira (há aqueles que sustentam que as greves por melhorias salariais e redução da jornada de trabalho são algo muito moderado, já que o aumento salarial faz com que os patrões aumentem os preços, o que não traz nenhuma vantagem aos trabalhadores. Na realidade, esse não é o problema central. A vitória de uma greve pode ser que não traga grandes benefícios aos trabalhadores, mas a organização operária se verá fortalecida e suas expectativas revolucionárias serão mais elevadas. Sabemos que as expectativas organizam o caminho para a revolução. Toda greve vitoriosa faz lembrar aos trabalhadores que eles são suficientemente poderosos para resistir aos capitalistas. Com o aumento das expectativas e da confiança em si mesmos, eventualmente, os trabalhadores podem se levantar e fazer a revolução. Para tanto, os sindicatos, com bastante experiência de luta, serão fortes e coesos para satisfazer as necessidades da revolução).

Se nos consideramos revolucionários, não deveríamos nos permitir o luxo do palavrório vazio e nem assumir ares desinteressados. Devemos nos lançar na tormenta revolucionária.

O famoso anarquista Bakunin tem sido chamado de “talento da rebelião”. Em sua vida, uniu-se à numerosas rebeliões. Independente de todas essas rebeliões não serem anarquistas, ele se uniu a elas com entusiasmo. Em vez de criticar seu caráter não anarquista, Bakunin participou delas ativamente e fez o que pôde para levar as idéias anarquistas para a rebelião. A rebelião de Lyon em 1871 [NE: sic. 1870] é um bom exemplo disso. Se queremos ser revolucionários devemos seguir o exemplo de Bakunin e nos lançar na tormenta revolucionária e levar a maré revolucionária ao oceano do anarquismo o quanto nos for possível. Se supusermos que a maré não chegará muito longe e nos dedicarmos a construir represas para contê-la, a maré transbordará. Como resultado, seremos afogados por ela e nem sequer uma gota d’água chegará ao oceano anarquista. Creio que deveríamos aprender com Kropotkin; sua atitude em relação à Revolução Russa foi muito positiva.

No processo revolucionário russo, os anarquistas deram suas contribuições ao movimento revolucionário. Depois da vitória da Revolução Russa, Lênin ascendeu ao trono de Nicolau e começou a perseguir os anarquistas. Muitos dirão que os anarquistas foram enganados. Na realidade, foram os anarquistas que levaram à Revolução Russa seu sabor de revolução social e a converteram em um dos grandes movimentos de massa da história. Os anarquistas foram os primeiros a gritar palavras de ordem como “controle operário das fábricas”, “controle camponês da terra”, que se estenderam aos operários e camponeses para logo serem apropriadas pelos bolcheviques. Se nesses momentos os anarquistas tivessem atuado como meros expectadores, a Revolução Russa teria sido muito menos significativa e isso não teria tido qualquer benefício para os interesses dos anarquistas e do povo!

É certo que existe uma grande distância entre os resultados da revolução e as expectativas dos revolucionários, mas não existe qualquer razão para afirmar que a Rússia pós-revolucionária seja pior

que a Rússia czarista. Somente os reacionários poderiam afirmar uma coisa dessas. Se fizermos um estudo dos movimentos revolucionários na história, descobriremos que em todas as revoluções sempre houve uma grande distância entre os resultados e as expectativas. Durante as revoluções, o pensamento popular foi sempre mais progressista que depois delas. Na Revolução Francesa, o povo, valente e feroz, tomou as armas e se lançou no ataque à Bastilha, as mulheres proletárias viraram-se à Versalhes para prender Luis XVI e o povo em todo o país armou-se de paus para destruir municipalidades e prisões... Qual foi o resultado disso? Seria possível dizer que o objetivo dessas pessoas era estabelecer um governo burguês? A palavra de ordem desse momento era “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”. Essas palavras foram retomadas sob Napoleão ou sob o atual governo parlamentar? Se se descobrisse as palavras “liberdade”, “igualdade” e “fraternidade” escritas nos muros de uma prisão, ou se se descobrisse que restam ainda alguns realistas na França, seria possível atacar a Revolução Francesa por ter permanecido incompleta ou falar mal dela por ter promovido tanto alvoroço por tão pouca coisa? Sem a Revolução Francesa, poderíamos estar ainda em uma época extremamente terrível!

Mas voltemos à discussão da revolução na China. As propostas do Partido Nacionalista são contraditórias com as nossas e, em termos de princípios, este partido é nosso inimigo. É bem sabido que o Partido Nacionalista quer construir um bom governo e que nós queremos acabar com todo tipo de governo. Todavia, não temos objeções em relação a algumas de suas causas, como a derrota dos caudilhos e do imperialismo, mas queremos ir ainda mais longe e rechaçamos o governo do Partido Nacionalista e sua construção. (Há muitos anos, quando escrevi as palavras de ordem “confiança das nações fracas para derrotar todos os imperialismos” na capa da primeira edição de Povo, alguns camaradas em Wuchang e em Hunan escreveram cartas discordando delas. Diziam se tratar de uma consigna superficial. Diziam-me que, antes de abolir o capitalismo, reivindicar a derrubada do imperialismo era preocupar-se com uma questão insignificante e não com o essencial. Também diziam que os anarquistas não deveriam aceitar a idéia de que houvesse nações mais fracas que outras na humanidade. Não estou de acordo com eles. Não negamos a existência, de fato, de nações fracas; mas essas nações fracas devem permanecer escravas das potências imperialistas até que cheguemos à sociedade anarquista? As colônias e semi-colônias não podem conseguir sua independência até que o capitalismo seja abolido?) A maioria das pessoas está de acordo com o Partido Nacionalista somente naquilo que diz respeito a certas palavras de ordem, mas não possui acordo com muitas outras coisas. Nesse momento, o Partido Nacionalista é o líder do povo... Se formos ao povo, se nos lançarmos na tormenta revolucionária e se levarmos o povo a um objetivo maior, o povo tomará uma distância natural do Partido Nacionalista e nos seguirá, com o que aumentará a influência anarquista no movimento revolucionário, causando um profundo impacto anarquista nas mentes populares. Se trabalhamos assim, ainda que a sociedade anarquista não seja plenamente realizada de imediato, o povo avançará nessa direção (ao menos em um sentido melhor que o da situação atual). Se fizermos um esforço, plantaremos uma semente; se tentarmos construir uma represa para conter a tormenta revolucionária, estaremos condenados a nos afogar.

Atualmente, a revolução na China tem ido além dos objetivos do Partido Nacionalista. Por exemplo, os camponeses se levantam para derrotar os tiranos locais e os latifundiários perversos, associações camponesas em todas as partes resistem aos latifundiários e os operários organizam sindicatos para resistir aos capitalistas. Essas são notícias maravilhosas. Quanto estive em Sangai, li nos periódicos sobre a “violência” da classe trabalhadora em Wuhan. Compartilho a preocupação daquele autor no que diz respeito à violência. Creio que se fizermos parte da tormenta revolucionária seremos capazes de criar novas palavras de ordem, como “autonomia camponesa”, “controle camponês da terra”, “abolição dos capatazes”. Em momentos de revolta e guerra, podemos queimar os escritórios executivos de um distrito ou ajudar os camponeses a organizar comunas que lhes permitam gerir seus assuntos sem a intervenção do governo. Devemos nos unir, como trabalhadores, ao movimento sindical, pensar nas preocupações de nossos companheiros e criar novas palavras de ordem, tais como “redução das horas de trabalho”, “proteção para os meios de vida do trabalhador” e “educação para os trabalhadores”. Entre as coisas importantes da China contemporânea, a prioridade deve ser a defesa do direito do trabalhador supervisionar diretamente todos os equipamentos da fábrica, suprimir os capatazes e negociar com

os patrões por meio dos sindicatos. Sobre a palavra de ordem de que os trabalhadores devem tomar as fábricas, creio que nesse momento isso não é factível, ainda que tenhamos que promovê-la em seu devido momento. Na prática, nossas palavras de ordem devem ser relevantes para as preocupações imediatas do povo.

Podemos criticar os princípios do Partido Nacionalista e do Partido Comunista, mas não devemos denegri-los. Devemos respeitar a dignidade pessoal de nossos adversários. É claro que caudilhos bárbaros como Zhang Zoling, Zhang Zongshang, Wu Peifu, Sun Chuanfang são exceções. Alguns camaradas sustentam devíamos colaborar com o Partido Nacionalista, por exemplo, na questão da abolição dos caudilhos. De fato, nosso companheiro russo Makhno (um general anarquista, segundo as palavras de Osugi) esteve planejando vir à China e unir-se ao exército nacionalista para combater Zhang Zoling. Nesses momentos, não sei com certeza se estou ou não de acordo com ele. Provavelmente, seremos incapazes de tomar uma decisão enquanto não estivermos prontos para isso. Contudo, há quem sustente que deveríamos nos unir ao Partido Nacionalista, posição à qual me oponho energicamente.

Para resumir, se nos lançarmos na tormenta revolucionária da China, mesmo que não estejamos em condições de construir a sociedade anarquista em um piscar de olhos, aproximaremos o povo chinês do ideal anarquista e teremos uma influência anarquista maior no movimento. Isso, sem dúvidas, seria uma atitude mais positiva do que fazer o papel de espectadores despreocupados ou de realizar críticas indiscretas.

O Sino do Povo, 1927

Biblioteca Anarquista



Ba Jin  
O Anarquismo e a Questão da Prática  
1927

[https://www.anarkismo.net/article/26043?author\\_name=ba+jin](https://www.anarkismo.net/article/26043?author_name=ba+jin)

Tradução: Felipe Corrêa

**bibliotecaanarquista.org**